

A Subjetividade Marginalizada de Mulheres Negras como Prática de Transgressão

Fernanda Duarte Bitencourt

Sofia Maria do Carmo Nicolau

Resumo

Este artigo pretende discutir a relevância da inclusão de epistemologias negras na produção intelectual e ressaltar o impacto da ausência dessas perspectivas na perpetuação do racismo dentro das instituições do saber. Para isto, serão acionadas autoras que já produziram sobre o tema como bell hooks, Sueli Carneiro e Patricia Hill Collins, fazendo simultaneamente, apontamentos sobre os efeitos da hegemonia do pensamento intelectual e o caráter disruptivo do pensamento de mulheres negras nesse campo.

Epistemologia, gênero, raça, epistemicídio

Introdução

A partir de uma breve revisão bibliográfica, tentamos pontuar as maneiras pelas quais a subjetividade de mulheres negras e o conhecimento produzido por estas se constituem, produzem efeitos e são colocadas em posição de marginalidade.

É importante pontuar que, a maior parte das mulheres negras no Brasil ocupam outros espaços que não o acadêmico, ainda sim, essas mulheres produzem, atuam e transformam em diferentes campos e de diferentes maneiras. Esse trabalho, não obstante, tem como foco mulheres negras acadêmicas e seus processos de produção.

É possível pensar, nesse sentido, a constituição intelectual de mulheres negras acadêmicas com base em suas experiências, memórias e vivências. Essas experiências no decorrer da vida sempre são caracterizada por marcadores de diferenças, que no caso de mulheres negras

envolvem posições de subalternidade operadas pelo racismo e pelo sexismo. Esse locus social, de mulheres negras nos espaços acadêmicos, é um locus em constante deslocamento uma vez que essa presença modifica espaços institucionais e as próprias experiências dessas mulheres tanto em relação a suas interações com um ambiente hegemonicamente branco, quanto em relação a suas auto percepções e às suas produções.

Essas considerações não implicam em uma homogeneidade do pensamento de mulheres negras e sim a intersubjetividade vivenciada por uma forma holística e interligada de opressão como aponta Collins.

Esse lugar em permanente deslocamento gera efeitos sobre uma narrativa linear e heterogênea encontrada no campo intelectual, isso é, a contínua legitimidade do pensamento de homens brancos europeus em oposição aos processos de invisibilidade de mulheres acadêmicas e apagamento da produção do povo negro.

Mulheres negras, na academia, portanto, são disruptivas à narrativa dominante. A presença de pessoas negras na universidade já tem mudado a forma com que as interações e as relações se constituem, a produção de pessoas negras e sua legitimação tem a potencialidade de mudar a forma com que a acadêmica se constitui.

Para se pensar as possibilidades de transgressão a partir da escuta de vozes femininas negras é necessário evidenciar os impasses para a consolidação e legitimidade acadêmica. Quando não envoltas nas limitações de acessos educacionais, mulheres negras têm suas auto estimas fragilizadas, ou possuem pouco incentivo das pessoas que as cercam.

Além disso, acionaremos os efeitos do epistemicídio pontuado pela Sueli Carneiro além das diferentes formas pelas quais o machismo e o sexismo se apresentam como barreiras na academia.

Apesar de todos os entraves e problemáticas que serão apontados neste trabalho é necessário ressaltar que a produção de mulheres negras é uma descontinuidade possível.

Devem as mulheres negras sempre pensar sobre raça?

Compreendendo a produção e reprodução de conhecimento acadêmico como uma forma de manutenção da dominação, é colocada em pauta a necessidade de se repensar os efeitos do cenário hegemônico de conhecimento dentro da produção intelectual de mulheres negras.

De acordo com a performance da autora Grada Kilomba:

“Quando eles falam, é científico;
quando falamos, não é científico .
Quando eles falam, é universal;
quando falamos, é específico .
Quando eles falam, é objetivo;
quando falamos, é subjetivo .
Quando eles falam, é neutro;
quando falamos, é pessoal.
Quando eles falam, é racional ;
quando falamos, é emocional.
Quando eles falam, é imparcial;
quando falamos, é parcial.
Eles têm fatos, nós temos opiniões .
Eles têm conhecimentos, nós temos experiências.

Não estamos lidando com uma ‘coexistência pacífica de palavras’ mas com uma hierarquia violenta, que define quem pode falar e quem pode produzir conhecimentos.

Grada Kilomba, em “Decolonizing Knowledge” (2016) — Tradução livre.

Entrar na universidade é até hoje algo distante da realidade de milhares de mulheres negras. Para muitas as perspectivas profissionais são restringidas a carreiras com trabalho repetitivo e com baixa remuneração e, nesse cenário, o ensino superior se apresenta como uma via disruptiva na medida em que amplia o campo de ação individual.

Quando mulheres negras entram na universidade os anseios que as movem são iguais aos de qualquer outro estudante. Além da busca pela ascensão profissional e a possibilidade de ter uma qualidade de vida melhor, elas investem também no exercício de entender melhor o mundo, ou ainda, aprender o mundo de outra forma. Essa atividade criativa e curiosa é perpassada pelos interesses e, inevitavelmente, esses interesses são porosidades de suas experiências de vida.

Dessa forma, do mesmo modo que academicamente se atribui relevância a compreensão da vida do jovem Karl Marx para o entendimento construção de sua crítica ao modo de produção capitalista, quando se produz e reproduz epistemologia, é necessário atribuir certa valorização à experiência como ponto de partida na produção intelectual. Assim,

como cita bell Hooks, “a experiência informa não só os temas sobre os quais escrevemos, mas também o que escrevemos sobre esses temas, os juízos que fazemos”.

Apesar de nem sempre entrarem no meio acadêmico compelidas a falar sobre gênero e raça, muitas vezes essas demandas surgem a partir da experiência dentro desses espaços. Tal ponto de partida dentro da produção intelectual é, sobretudo, paralisante: é como se antes de se dizer sobre qualquer coisa, fosse preciso citar a raça, falar sobre como essa categoria muda a forma como certos espaços são experimentados e sobre como, de certa forma, isso permeia sua pesquisa.

Certamente essas questões não são universais para todas intelectuais negras, assim como a forma de pensar, ser e devir entre essas mulheres não se dê de forma homogênea. Entretanto, apesar de nem todas as mulheres negras atribuírem explicitamente a reflexão sobre seu ponto de vista dentro de suas produções intelectuais, o questionamento sobre a própria raça é quase inexistente dentro da produção intelectual de homens brancos, seja ela em qual área do conhecimento for. Nesse sentido, mesmo que mulheres negras não falem abertamente sobre raça em seus trabalhos elas serão sempre interpeladas pelas instituições como mulheres racializadas o que as faz refletir de alguma forma sobre sua existência como corpo um corpo feminino negro nesses espaços., explicitamente ou não.

Entraves na produção de intelectuais negras

Como já exposto, a universidade, desde sua constituição é um espaço feito por e para homens brancos. Apesar das mudanças durante o processo de ampliação de direitos e acessos por outros grupos , ou seja, o ingresso de mulheres brancas e mais tardiamente de pessoas negras nesse espaço, a academia ainda é de maneira profunda um espaço que perpetua os mesmos moldes racistas, machistas e coloniais de uma Europa imperialista. Essa Linearidade na forma de produção ainda é observada e o imaginário do que é e qual a imagem de um intelectual possui o mesmo formato que elegeu os cânones de mais de dois séculos atrás. Onde se situa a mulher negra nesse espaço? Até mesmo em círculos intelectuais onde a leitura de pessoas negras é mais frequente, normalmente citam-se autores negros e mulheres negras de grande relevância acadêmica são constantemente invisibilizadas.

Mulheres negras intelectuais passam por diversas barreiras, dentre elas, como bell Hooks explana, há as múltiplas exigências de diferentes obrigações como a expectativa de cuidado com os outros, demandas por necessidades da casa ou do trabalho o que tira grande parte do tempo hábil para o que a autora denomina ser um isolamento intelectual, necessário para os processos de produção. Além disso, ao contrário de outros grupos em suas práticas na academia, mulheres negras se auto avaliam mais e sente maior necessidade de fazer um trabalho pragmático, efetivamente relevante para a comunidade.. A autora, ainda, aponta para o medo de não ser levada a sério e propõe a necessidade de entender o próprio trabalho como valioso, assim como o apoio de pessoas de dentro e fora de meios acadêmicos criar uma rede confortável para a sua permanência na academia , para dessa forma, se proteger do tolhimento da auto estima intelectual efeitos das relações em meios institucionais racistas e sexistas .

O racismo institucional e a dominação epistemológica

Para compreensão do conceito de dominação epistemológica- é preciso anteriormente o entendimento em linhas gerais sobre o que se pretende por epistemologia. Junção das palavras gregas episteme (conhecimento) e logos (ciência), a epistemologia é um ramo da filosofia que emergiu concomitantemente com o estabelecimento da ciência. O projeto epistemológico seria dedicado em debruçar sobre a teoria do conhecimento, ou em outras palavras, o estudo sobre a relação entre sujeito cognoscente e objeto de estudo, sendo capaz de definir os padrões pelos quais se faz possível distinguir o enunciados verdadeiros e falsos.

Assim, a epistemologia seria uma forma de construção e validação do saber científico. Porém, para além da sua elaboração, a definição de epistemologia acaba por estabelecer um novo tipo de dominação colonial já que subordina os saberes outros dos povos colonizados. A partir disso, Boaventura Sousa Santos formula o conceito de epistemicídio uma vez que “para o velho paradigma, a ciência é uma prática social muito específica e privilegiada porque produz a única forma de conhecimento válido.” (CARNEIRO Apud SANTOS, 2005, pg 98)

Nesse sentido, a vida acadêmica de intelectuais negras é inundada pelo apagamento e embranquecimento metodológico, posto que são compelidas a adaptarem suas formas de apreensão do mundo à rigidez do método científico colonial. A essa rigidez, Donna haraway

afirma “Eles contam fábulas sobre a objetividade e o método científico para estudantes nos primeiros anos de iniciação, mas nenhum praticante das altas artes científicas jamais seria apanhado pondo em prática as versões dos manuais”. (HARAWAY; 1995, p 9) Assim, o método científico opera de modo a separar os que podem participar da produção de conhecimento canônico daqueles que não o podem.

É preciso ainda entender de que forma essa hierarquização de saberes abala autoestima intelectual e acua mulheres negras Segundo Sueli Carneiro

“A negação da plena humanidade do Outro, a sua apropriação em categorias que lhe são estranhas, a demonstração de sua incapacidade inata para o desenvolvimento e aperfeiçoamento humano, a sua destituição da capacidade de produzir cultura e civilização prestam-se a afirmar uma razão racializada, que hegemoniza e naturaliza a superioridade européia. (CARNEIRO; SUELI, 2005, p 99)

A intelectualidade negra como prática de transgressão

A homogeneidade da produção acadêmica, centrada numa produção branca e masculina, cria um conhecimento linear, limitado. A proposta de ler mulheres negras e ampliar a escuta dessas vozes envolve, também, a ampliação do universo discursivo do conhecimento. Dada essa linearidade do conhecimento acadêmico, se não ocorrer uma descontinuidade epistemológica baseada em um alargamento do universo intelectual abarcando diferentes grupos e perspectivas que geram centralidade de fala para grupos minoritários, continuarão sendo apreendidas e serão reproduzidos os mesmos discursos que calam e narrativas que apagam.

Nesse sentido, o lugar em permanente deslocamento de mulheres negras é uma chave para avanços epistemológicos. Para Patrícia Hill Collins, mulheres negras têm vivenciado ocupações marginais dentro e fora do meio acadêmico fazendo o uso criativo desses lugares. Collins atribui a condição dessas mulheres o termo *outsider within*, uma articulação das posições de *outsider* e *insider*, algo próximo do termo “estrangeiros de fora” em tradução livre para o português. Assim, a posição de *outsider within* será justamente a passabilidade em espaços ao mesmo passo que esses acessos não lhes são atribuídos integralmente, essa possibilidade de transitar entre diferentes espaços sendo pouco notada dá às mulheres negras

uma visão mais completa, da a possibilidade de um estranhamento mesmo que inserida em determinado campo o que pode servir tanto quanto método para lidar com sua vida pessoal como mecanismo para uma percepção sociológica mais articulada.

Para além de se constituir como uma estratégias de resistência dessas mulheres, o pensamento outsider within contribui para a expansão epistemológica no âmbito das ciências humanas na medida em que adicionam pontos de vista dissidentes na teoria social. Assim, segundo Patrícia Hill Collins

para muitas mulheres intelectuais afro-americanas a “marginalidade” tem sido um estímulo à criatividade. Como outsiders within, estudiosas feministas negras podem pertencer a um dos vários distintos grupos de intelectuais marginais cujos pontos de vista prometem enriquecer o discurso sociológico contemporâneo. Trazer esse grupo – assim como outros que compartilham um status de outsider within ante a sociologia – para o centro da análise pode revelar aspectos da realidade obscurecidos por abordagens mais ortodoxas (COLLINS; 2016, p 101)

Nisbet em seu texto “ sociologia como forma de arte” entende que a imaginação criativa que opera nas artes também opera na ciência, entretanto a ciência numa tentativa de explicar a realidade se tornou tecnicista. Tanto o artista quanto o cientista, não obstante, buscam expressar suas concepções de mundo sendo necessário para a ciência e principalmente para a sociologia, para além de método, sensibilidade. É nesse sentido que mulheres negras, a partir do status de outsider within possuem, potencialmente, essa sensibilidade necessária para o fazer sociológico.

Chimamanda Adichie, ademais, faz apontamentos sobre o risco da história única. Segundo a escritora “ Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa.” (CHIMAMANDA, 2009) Assim, sempre houveram pensamentos e entendimentos divergentes sobre o que se entende pelas relações sociais, mas quem produzia e reproduzia o conhecimento canônico não poderia fazê-lo sem contato com - ou como defendemos aqui, sem serem- essas pessoas marginalizadas que iam contra o modelo de dominação. Citando novamente Hill Collins “enquanto o pensamento feminista negro pode ser registrado por outras pessoas, ele é produzido por mulheres negras”. (COLLINS; 2016, p 101)

Esse lugar em permanente deslocamento de mulheres negras é, portanto, uma forma de agenciamento dentro de instituições que continuamente as apagam. Esse agenciamento e essas produções podem ser entendidos como uma forma de transgressão. Visto que ao lidar com determinadas ideias, essas mulheres transgridem fronteiras discursivas devido a necessidade de fazê-lo. A presença, a produção e consequentemente a leitura de mulheres negras, para além de suprir as lacunas epistemológicas de uma universidade racista e machista, também proporciona, portanto, mecanismos para uma compreensão social sensível e aprimorada.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. Conferência anual - TED Global 2009. Oxford, Reino Unido. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/> acesso em: 08 Out 2019.

bell Hooks. Ensinando a transgredir. São Paulo: Martins fontes. 2013

_____. Intelectuais negras.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

_____. A construção do outro como não ser como fundamento do ser.

Collins, Patricia Hill. Aprendendo com a Outsider within: A significação sociológica do pensamento feminista negro

Fanon, Frantz. Peles negras máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos pagu (5) 1995

KILOMBA, Grada. Palestra-Performance “Decolonizing Knowledge” (2016) — Tradução livre.

Lorde, Audreya Geraldine. A transformação do silêncio em linguagem e ação.

Nisbert, Robert. A sociologia como uma forma de arte.